

O peteleco

GEORGE VIDOR

A melhor resposta para o desfecho da crise interna do Governo foi dada pelos mercados financeiros: as Bolsas de Valores subiram, o dólar paralelo manteve o mesmo ritmo de ajuste diário, e as taxas de juros dos títulos de renda fixa não apresentaram oscilações significativas.

Apesar de não faltarem prognósticos catastróficos por parte de políticos e economistas, os mercados não compartilham do pessimismo, até porque estão imunes à histeria ideológica que tem servido de pano de fundo para a crise palaciana.

Os mercados já perceberam que as previsões catastróficas não têm lastro real em fatores econômicos: baseiam-se apenas em suposições políticas. Com toda a confusão dos últimos meses, os índices de preços, por exemplo, mantiveram-se no mesmo patamar. A conjuntura internacional favorece a queda da inflação (até na Rússia ela começou a declinar) e no Brasil bastaria um peteleco para que isso também ocorresse.

O Governo apontou na direção certa, ao estabelecer como prioridades o equilíbrio das finanças públicas e o redirecionamento de seus investimentos e créditos para áreas de forte efeito multiplicador, como agricultura, exportação, construção civil e infra-estrutura (recuperação de estradas e conclusão de algumas

hidrelétricas em fase final de obra). Não se pode ignorar que essa política produziu de imediato queda nas taxas de juros e alongamento na dívida interna, fatores que vinham respondendo por boa parte do déficit público.

As exportações estão indo melhor do que as previsões (ao que tudo indica, ultrapassarão em 1993 o volume de US\$ 37 bilhões). A dívida externa, objeto de renegociação com bancos credores, levou um tombo — com os ajustes que ainda deverão ocorrer, qualquer hora dessa as reservas cambiais brasileiras ficarão maiores do que o valor a ser reescalonado. Lentamente, o mercado interno vem reagindo e há alguns sinais, ainda que tímidos, nos índices de emprego e ní-

vel de ocupação nas indústrias. A política salarial tem permitido certa convivência com a inflação (o período em que as pessoas ficam com a corda no pescoço diminuiu, com as reposições feitas a cada quatro meses).

Há um clima favorável à aceleração das privatizações — fala-se até em venda do controle da Vale do Rio Doce. No segundo semestre, será dada partida a uma revisão constitucional capaz de livrar o país de entulho de todo tipo, em especial na ordem econômica: monopólios estatais, restrições ao investimento estrangeiro, excesso de tributação etc. E as próximas eleições gerais ainda estão muito longe para gerar pressões políticas e atrapalhar a administração (os candidatos estão, por enquanto, discursando sozinhos).

Ou seja, o horizonte não é tão ruim como se imagina e o país tem condições de começar a sair do atoleiro, necessitando para tal de autoridades com credibilidade para conduzir o programa econômico. Eliseu Resende virou vidraça e ficou incompatibilizado com a missão. A reforma ministerial, com a substituição de Eliseu (junto com Erundina e Lázaro Barbosa) por um político respeitável como o senador Fernando Henrique Cardoso talvez seja o peteleco que falta para que se arrumem as contas do Governo e se derrube essa odiosa inflação.

George Vidor é redator e repórter especial do GLOBO.

